

O Empoderamento das “minorias” por meio das mídias sociais: a conexão dos pares no site Viva Favela e no blog Mamíferas¹

Clarissa Sousa de CARVALHO²

Faculdade Santo Agostinho (FSA) – Teresina/PI

Eulália Teixeira de VASCONCELOS³

Universidade de Nagóia (Nagoya University) – NU, Nagoya/ Japão

Resumo

As mídias sociais têm, atualmente, um papel crucial como ferramenta para dar voz aos grupos que, de outra forma, não teriam espaço dentro da sociedade. A partir de uma comunicação horizontal, integrantes dos chamados grupos minoritários tem a oportunidade de expressar as ideias, além de encontrar os pares e compartilhá-las com os mesmos. A partir daí, é possível o empoderamento de indivíduos, grupos ou instituições por causa do papel ativo que lhes é facilitado pelas mídias sociais. Neste artigo, discute-se o papel das mídias sociais como ferramenta de empoderamento dessas minorias, por meio de uma análise do blog Mamíferas e do site Viva Favela.

Palavras-chave: empoderamento; mídias sociais; blog Mamíferas; site Viva Favela

1. Introdução

O crescimento exponencial da internet e da Comunicação Mediada por Computador (CMC) nos últimos anos, conectando pessoas de diferentes lugares, fez emergir novas possibilidades de interação social e de intercâmbio de conteúdos simbólicos. Diferente das mídias de massa, como a TV e o rádio, a internet permite ao usuário ser ao mesmo tempo produtor e receptor de conteúdo: ao invés do esquema de comunicação um-todos, se tem o esquema todos-todos, no qual não existe apenas um pólo emissor e um receptor passivo. Usuários se conectam à grande rede de diferentes locais, prescindindo da co-presença física para se comunicar e para compartilhar conteúdos simbólicos. É possível dar continuidade a contatos que já existem na vida cotidiana, mas também criar novas relações, através de novas identidades e práticas adquiridas.

¹ Trabalho apresentado no GP Cibercultura, XII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestra em Antropologia e Arqueologia (UFPI/2012). Bacharel em Comunicação Social-Jornalismo (UFPI/2003). Membro do Grupo de Pesquisa Cibernética Pedagógica – Laboratório de Linguagens Digitais (ECA-USP) e do Grupo Comum (UFPI). E-mail: clarissascarvalho@gmail.com.

³ Mestranda em Desenvolvimento Internacional (Universidade de Nagoya). Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo (UFPI). E-mail: eulaliav34@gmail.com.

Assim, experimentam-se novas formas de comunicação, baseadas no espaço virtual, sem barreiras territoriais, focadas nas interações sociais em uma comunicação horizontal, não mais de cima para baixo, mas com uma maior equidade de papéis. De acordo com Gillmor (2006), a internet representa um papel fundamental neste processo, exatamente porque dá a oportunidade para a concretização desta nova forma de comunicação, não mais de cima para baixo, mas difusa. Com o surgimento das novas mídias, os cidadãos podem participar mais ativamente das discussões, trazendo o foco dos assuntos para si, para assuntos de interesses próprios, quebrando também barreiras e etapas do processo comunicativo.

Vale lembrar que o acesso à internet a aos saberes dos quais dependem seu uso não acontece de forma tão democrática, principalmente quando se leva em conta países em vias de desenvolvimento, como o Brasil. Apesar das desigualdades no acesso e no domínio dessa tecnologia, pode-se dizer que a internet permite uma diversificação de conteúdos simbólicos na grande rede, uma vez que dá oportunidade às pessoas comuns produzirem conteúdos que podem ser acessados potencialmente por qualquer pessoa, de qualquer lugar.

Entendendo a internet como espaço de sociabilidade, mais do que mero meio de comunicação, percebe-se nela um espaço onde se desenvolvem práticas culturalmente determinadas. A esse *locus* Gibson (2003) cunhou o nome de “ciberespaço”.

Mais do que um meio de comunicação, elas [as redes telemáticas] oferecem suporte a um espaço simbólico que abriga um leque muito vasto de atividades de caráter societário, e que é palco de práticas e representações dos diferentes grupos que o habitam (GUIMARÃES JR., 1999, p.2).

Ao conjunto de fenômenos e práticas sócio-culturais que se articulam dentro do ciberespaço ou que a ele estão relacionados denomina-se cibercultura. A natureza dessa cultura é essencialmente heterogênea e descentralizada, baseada em módulos autônomos (SANTAELLA, 2003).

Usuários acessam o sistema de todas as partes do mundo, e, dentro dos limites da compatibilidade linguística, interagem com pessoas de culturas sobre as quais, para muitos, não haverá provavelmente um outro meio direto de conhecimento. Por isso mesmo, é também uma cultura descentralizada, reticulada, baseada em módulos autônomos. Materializa-se em estruturas de informação que veiculam signos imateriais, quer dizer, feitos de luzes e *bytes*, signos evanescentes, voláteis, mas recuperáveis a qualquer instante. (p. 103-104)

Santaella (2003) destaca a questão dos interesses e afinidades que unem os membros de uma comunidade virtual, em oposição às conexões acidentais ou geográficas. Essas comunidades seriam novas espécies de associações fluidas e flexíveis de pessoas, possibilitando que os(as) usuários(as) se organizem de forma espontânea para discutir, debater assuntos de interesse comum, procurar companhia, com base em afinidades que nem sempre, ou não necessariamente, estão presentes nas relações presenciais vivenciadas no dia-a-dia.

A formação de uma comunidade virtual, segundo Rheingold (1994), compreende as pessoas que interagem, as discussões públicas, o tempo dispendido a tal atividade e os sentimentos empreendidos em tais interações. Mas o autor deixa de lado um dos pontos essenciais da definição que até então a maior parte dos cientistas sociais convencionou chamar de comunidade: a territorialidade. A ausência de uma base territorial constitui-se em um dos problemas da aplicação do conceito de comunidade ao ciberespaço (Recuero, 2002).

No entanto, diversos autores têm apresentado argumentos consistentes para a utilização de tal conceito. Maria Bakardjieva (2007) argumenta que as comunidades virtuais “constituem uma tendência cultural de ‘socialização imóvel’, ou em outras palavras, socialização da experiência privada, através da invenção de novas formas de intersubjetividade e organização social online” (p. 236).⁴

Ao tratar de comunidades virtuais, David Bell (2007) problematiza o conceito de virtualidade, revelando que ele não está necessariamente ligado ao online, mas sim à mobilidade. Nesse sentido, antes mesmo da internet, nossas comunidades já podiam ser reconhecidas como virtuais, com interações sociais mantidas por telefonemas, correios e outras formas de comunicação que prescindem da co-presença física dos interlocutores. À medida que a mobilidade característica da contemporaneidade redefine o mundo social de maneiras mais complexas, é preciso repensar o que significa comunidade para indivíduos e sociedades móveis.

A partir da teorização de Bruno Latour (1991) sobre tecnologia e sociedade, segundo o qual as sociedades se mantêm coesas pela nossa capacidade e vontade de delegar alguns dos papéis e responsabilidades do trabalho social a artefatos, Bell(2007) ressalta que

⁴ Tradução nossa. No original: “(...)constitutes a cultural trend of ‘immobile socialization’, or in other words, socialization of private experience through the invention of new forms of intersubjectivity and social organization online”

não precisamos de co-presença para manter uma comunidade viva, pois esse trabalho é delegado aos artefatos. O autor sugere que, de maneira análoga, a tecnologia (nesse caso, a informática e a internet) pode fazer com que as comunidades sejam mais duráveis e sustentáveis, “já que o engajamento pode ser conservado apesar do movimento, ou até por causa do movimento” (p. 256)⁵.

Se na contemporaneidade as trajetórias dos indivíduos estão marcadas pela mobilidade, com diferentes ritmos e temporalidades, pode-se considerar as comunidades virtuais como *loci* onde acontecem tipos específicos de trabalho identitário. Pode-se pensar nessas comunidades como ganchos onde são pendurados fragmentos de identidade. “Isso depende, claro, da aceitação de que somos todos feitos de fragmentos de identidade que precisam de ganchos – algo que argumenta-se persuasivamente como facilitado pela cibercultura emergente” (p. 258)⁶

As possibilidades de conectar pessoas de diferentes procedências, mas com pensamentos semelhantes, são infinitas quando se analisa a sobreposição de barreiras geográficas provocadas pela “grande rede”.

A façanha da Internet foi e está sendo a de transpor fronteiras, fazendo com que a comunicação entre determinados grupos, que seria praticamente impossível de se realizar fora ou dentro desse meio, possa efetivamente encontrar lugar, devido à impessoalidade, anonimato e rapidez na troca das informações. (TEIXEIRA, 2007, p. 697).

A autora ainda reforça o fato de que, a partir desse poder de transpor barreiras, a internet contribui para uma forma de luta e de movimentos numa “articulação global”. Isto é, atualmente, por meio do espaço virtual, é possível desenvolver-se um processo de articulação formado por indivíduos, grupos ou instituições oriundas dos mais variados pontos.

2. Empoderamento

A partir do entendimento das mídias sociais como *loci* de encontro de pessoas com afinidades e projetos comuns, e também de compartilhamento e construção de experiências,

⁵ Tradução nossa. No original: “(...)since membership can be retained in spite of movement, or even because of movement”

⁶ Tradução nossa. No original: “This depends, of course, on accepting that we are all made up of bits-of-identity that need pegs – something which the emerging cyberculture is persuasively argued to be facilitating”

pode-se discutir a construção de empoderamento de grupos ou comunidades tradicionalmente marginalizados ou socialmente desvalorizados, que encontram no ciberespaço um local de fortalecimento de laços e propósitos comuns.

O conceito de empoderamento vem sendo amplamente discutido entre os estudiosos do desenvolvimento, como Amayrta Sen (1995) e Paulo Freire (1970), que entendem que é necessário capacitar as pessoas a mudar a própria realidade. Tais mudanças só podem ocorrer a partir dos próprios atores, e não de forma vertical.

Mas o que exatamente significa empoderamento? É preciso, primeiro entender o conceito de poder empregado. A concepção microfísica de poder em Michel Foucault (1979) nos parece particularmente útil para se pensar a o uso das mídias sociais como forma de empoderamento de grupos socialmente desvalorizados. Ao considerar o exercício do poder de forma fluida, exercendo-se em feixes, cadeias, níveis diferenciados entre os agentes, mas sobretudo considerando a sua presença nos dois polos de exercício (dominador e dominado), esse teórico entende que o poder não se dá apenas de forma institucionalizada, mas também “capilarmente”, como uma rede que está em todo lugar e em todas as coisas, um poder que é exercido pelos sujeitos e constitui manobras e estratégias que podem ser resistidas, contestadas, negociadas, aceitas ou transformadas.

Para Foucault (2009), é preciso buscar em um determinado discurso historicamente determinado as relações de poder mais imediatas, mais locais, e como tais relações tornam possíveis essas espécies de discursos, e também como tais discursos lhes servem como suporte. Como, portanto, “o jogo dessas relações de poder vem a ser modificado por seu próprio exercício” (p. 109). Assim, através do entendimento da utilização das mídias sociais e dos discursos construídos no site Viva Favela e no blog Mamíferas, busca-se a compreensão de como esses sujeitos constroem relações e reforçam posicionamentos a partir do encontro de pessoas com interesses e propósitos semelhantes.

Scott (1992) afirma que os discursos posicionam os sujeitos e produzem suas experiências.

Não são os indivíduos que têm a experiência, e sim os sujeitos que são constituídos por meio da experiência. Nessa definição, a experiência se torna, então, não a origem de nossa explicação, não a evidência definitiva (porque vista ou sentida) que fundamenta o que é conhecido, mas sim o que procuramos explicar, aquilo sobre o que se produz o conhecimento.

Pensar sobre experiência desse modo é historicizá-la, assim como historicizar as identidades que ela produz (SCOTT, 1992, p.49-50).⁷

Se os sujeitos são constituídos discursivamente e o discurso é por definição compartilhado, a experiência é tanto coletiva quanto individual. “A experiência é a história do sujeito. A linguagem é o campo no qual a história se constitui” (SCOTT, 1992, p.66).⁸

Dessa forma, os discursos produzidos nas interações sociais que ocorrem no site e no blog posicionam os sujeitos e produzem suas experiências. Indaga-se, pois, que sentidos produzem ao compartilhar suas experiências cotidianas e de que maneiras a publicização dessas experiências, via internet, flexibiliza as fronteiras entre público e privado, dotando tais experiências de valores sociais possíveis de reposicionamento de identidades tradicionalmente desvalorizadas.

3. Site Viva Favela

O website Viva Favela (www.vivafavela.com.br) foi criado em 2001, como um projeto da ONG Viva Rio, constituído de duas frentes: a colaborativa, que é feita a partir do próprio website e também pela revista eletrônica, que é publicada bimestralmente. A segunda parte do projeto é a de formação de correspondentes comunitários por meio de oficinas e cursos.

Desde 2010, o website tornou-se uma ferramenta colaborativa, abrindo o espaço para moradores de qualquer lugar, mediante registro prévio. Em junho de 2012, o website contabilizava 318 correspondentes e 1.978 pessoas registradas, o que significa que dos quase dois mil que se registraram, quase 320 deles já postaram algum conteúdo, seja texto, vídeo, áudio ou imagens. O mesmo recebe, em média, entre 35 e 40 mil *page views* por mês. No último relatório, divulgado pela equipe do projeto Viva Favela, a partir de dados de junho de 2011 a maio de 2012, o site recebeu 1.471 postagens, numa média de 2,3 por dia; além de 800 novos usuários cadastrados nos últimos dez meses.

⁷ Tradução nossa. No original: “No son los individuos los que tienen la experiencia, sino los sujetos los que son constituídos por medio de la experiencia. En esta definición la experiencia se convierte entonces no en el origen de nuestra explicación, no en la evidencia definitiva (porque ha sido vista o sentida) que fundamenta lo conocido, sino más bien en aquello que buscamos explicar, aquello acerca de lo cual se produce el conocimiento. Pensar de esta manera en la experiencia es darle historicidad, así como dar historicidad a las identidades que produce.”

⁸ Tradução nossa. No original: “La experiencia es la historia de un sujeto. El lenguaje es el sitio donde se representa la historia.”

Em mais de dez anos, o site tem procurado atingir um número cada vez um número maior de moradores de comunidades, favelas e regiões periféricas em todo o Brasil. Hoje, a maior parte dos colaboradores é formada por pessoas do estado do Rio de Janeiro, representando quase 80% do total. Mas há usuários registrados de diversas partes do país. Grande parte dos correspondentes tem alguma experiência com jornais comunitários, programas de rádio, movimentos sociais, ou mesmo com sites das próprias comunidades em que vivem. No recorte feito de janeiro a junho de 2012, com relação apenas às matérias, até o dia 27 de junho o site recebeu 201 novos textos escritos por 51 colaboradores voluntários (correspondentes).

Numa coleta de dados ainda em andamento, iniciada oficialmente em janeiro de 2012, identifica-se três grupos de colaboradores voluntários: jornalistas que não moram nas favelas e comunidades; jornalistas ou estudantes de jornalismo que moram nas favelas e comunidades; e moradores de favelas e comunidades que não tem (ou não tinham) nenhum contato com a profissão jornalismo. As semelhanças entre estes três grupos estão no fato de terem algum tipo de ligação com movimentos sociais ou morarem em áreas de favelas ou comunidades de diferentes partes do país. Outro aspecto percebido é que os correspondentes apresentam alguma relação emocional ou afetiva com as pautas a que se propõem a relatar, focando os assuntos de acordo com a própria experiência ou vivência.

Categorizando os três grupos, é possível dizer que:

- Grupo 1: jornalistas que não moram em favelas e/ou comunidades: escrevem de forma mais isenta, adotando a terceira pessoa, buscando um viés mais impessoal.
- Grupo 2: jornalistas ou estudantes de jornalismo que moram em favelas e/ou comunidades: normalmente escrevem sobre as comunidades em que vivem e procuram mostrar familiaridade com as áreas e com a situação. Há um grande número de matérias em primeira pessoa, de forma a enfatizar o que estão descrevendo.
- Grupo 3: moradores de favelas e/ou comunidades: sempre escrevem em primeira pessoa, assim como preferem falar das áreas em que vivem.

Desde que o website Viva Favela tornou-se colaborativo, a partir da plataforma 2.0, que permite a participação ativa dos leitores-colaboradores, estes passaram a se apropriar do espaço como deles para falarem de assuntos de interesses dos mesmos, compartilhando histórias, situações e sentimentos. É possível identificar-se elementos como esses nas próprias narrativas no website: “na maioria das vezes não nos permitimos conhecer e experimentar nosso próprio ambiente, nosso próprio espaço.” (Tâmara do Cerrado, 2012).

Ou ainda: “Muitas pessoas que entrevistamos apresentavam ferimentos pelo corpo, segundo elas, causados por sessões de espancamento comandadas pela ROTA, conhecida pelas atrocidades que comete contra o povo nas favelas e bairros pobres de São Paulo.” (Patrick Granja, 2012.)

A partir da narrativa do colaborador Patrick Granja, o processo de conversação de mão-dupla, defendido por Gillmor (2006), e que ele mesmo chama de comunicação de muitos para muitos é colocado em prática por meio dos comentários dos leitores-colaboradores, que compartilham os relatos e corroboram com as discussões, como neste caso, o comentário da colaboradora Landa Araújo sobre a narrativa acima citada: “Os pobres sempre foram deslocados para os piores espaços, tidos como pragas e não como pessoas. (...) Espero que todos lembrem deste triste acontecimento na hora de votar.” (Landa Araújo, 2012).

Por meio de estórias que retratam a própria realidade, os colaboradores do site, a maior parte deles moradora de favelas e/ou comunidades, não apenas expõem as rotinas dos ambientes em que vivem, mas também trabalham para a construção de uma nova imagem dos espaços marginalizados e periféricos das grandes cidades brasileiras. Na medida em que os mesmos escrevem, prioritariamente, sobre cultura, dia-a-dia da comunidade, educação, esportes, dentre outros tópicos, sob um viés de cidadania, eles não estão negando a existência da violência ou da criminalidade nestes locais. No entanto, os colaboradores, residentes de comunidades marginalizadas, estão opondo-se ao discurso naturalizado, ao qual Fairclough (1995) argumenta existir na grande mídia, discurso este baseado na criação e sustentação de estereótipos que são mais facilmente apresentados e assimilados pelo e para o grande público.

Numa matéria postada no dia 08 de fevereiro de 2012, o colaborador comunitário Cléber Araújo, residente da Favela da Rocinha, no Rio de Janeiro, expõe os riscos aos quais os moradores estão sujeitos após a instalação da UPP, Unidade de Polícia Pacificadora, na área. Para ele, não é que o projeto não seja de relevância, inclusive o texto inicia com a apresentação dos pontos positivos do mesmo. O que o jornalista, que mora na Rocinha, argumenta é a existência de um projeto que não atende à comunidade, mas apenas aos turistas e à grande mídia. “A presença da polícia (...) cumpre o objetivo governamental de vender a imagem de uma comunidade pacificada para os visitantes e para a mídia.” (Cléber Araújo, 2012). Em outro texto, escrito pela colaboradora Tâmara do Cerrado, postado no

dia 26 de janeiro, há o questionamento sobre o papel da grande mídia dentro das favelas. Em uma passagem da matéria sobre as visitas dos turistas ao Complexo do Alemão após a instalação do teleférico, Tâmara discute sobre o descaso do poder público nas áreas marginalizadas e o não conhecimento das pessoas de fora, ou da cidade, no conceito lançado pelo jornalista Zuenir Ventura (1997) de cidade partida, sobre o que de fato acontece nas favelas brasileiras. A colaboradora também responsabiliza a grande mídia pelo desconhecimento em geral e diz: “Afinal, esse não é o tipo de pauta que a grande mídia está acostumada a fazer.” (Tâmara do Cerrado, 2012).

Baseado neste descontentamento com a imagem que os meios de comunicação tradicionais sustentam sobre as áreas marginalizadas das grandes cidades brasileiras, a internet tem desenvolvido um papel de canal de expressão das opiniões dos que antes não tinham onde expressá-las, além de oportunizar a conversação entre grupos que compartilham opiniões semelhantes.

4. Blog Mamíferas

O blog Mamíferas (www.blogmamiferas.com.br) foi criado em janeiro de 2008, por três mulheres/mães na faixa dos trinta anos. A temática principal do blog é a maternidade, e sua atualização acontece diariamente, com posts de texto, imagens e vídeos. Desde o início até julho de 2011, era mantido por três blogueiras – identificadas no ciberespaço como Kalu, Kathy e Tata – que se revezavam na produção dos posts, sendo cada uma responsável por atualizá-lo duas vezes por semana. Às segundas-feiras, o blog é atualizado por uma mamífera (ou mamífero) convidada(o) – algum(a) blogueiro(a) ou frequentador(a) do blog Mamíferas que é convidado(a) a opinar sobre algum assunto ou relatar algo de sua história pessoal.

Na descrição do blog, definem o que chamam de “estilo de vida mamífero”, dentro da perspectiva da maternidade ativa:

(..) não se deixar levar por regras e padrões estabelecidos, acreditar no próprio instinto, não economizar carinho ou colo, sair da zona de conforto, questionar e ir atrás dos porquês, encontrar verdades próprias, ao invés de fazer como sempre se fez, porque “é assim que tem que ser”.

Ser mamífera é maternar com consciência, é ter um papel ativo na criação dos filhotes. É não passar procuração, é assumir responsabilidade. E fazer tudo isso com um sorriso no rosto, porque é bom demais!

A maternidade parece ser entendida por essas mulheres não como um fardo ou obrigação, mas como uma instância de comprometimento, e também de prazer, de crescimento e realização pessoal, com uma experiência transformadora. Embora falem em instinto, e na necessidade de segui-lo, deixam claro que o estilo de vida mamífero é mais que seguir padrões determinados biológica ou socialmente. Esse estilo de vida envolve uma maternagem mais presente, mais responsável, mais centrada na relação mãe-filho. Há também uma instância de rebeldia, ou quebra de paradigmas, quando defendem a necessidade de não se deixar levar por regras pré-estabelecidas, de buscar verdades próprias.

Charles Cheung (2007) entende as páginas pessoais como palco para representação estratégica do *self* e também como espaço para a construção reflexiva da identidade, nos moldes de Giddens (2002), que argumenta que na modernidade tardia o senso de identidade é criado através de uma narrativa personalizada coerente. Nessa narrativa, os sujeitos se constroem como protagonistas de suas histórias, criando um sentido estável de identidade. No entanto, quando a coerência dessa narrativa é desafiada por novos eventos, busca-se restabelecer uma identidade estável, reavaliando a narrativa reflexivamente até que a coerência seja restabelecida. Esse processo é descrito por Giddens (2002) como o “projeto reflexivo do eu”.

Assim, para Cheung (2007), os blogs funcionariam como espaço para experimentação de identidades e para constante reconstrução da auto-narrativa. Os principais problemas da auto-apresentação no cotidiano seriam nossa falta de controle sobre (1) que “*selves*” se deve mostrar em uma dada situação social e (2) como se pode apresentá-los. Assim, o autor entende que as páginas pessoais têm caráter emancipatório, permitindo a superação desses problemas.

Primeiro, a página pessoal permite uma auto-representação muito mais estratégica que a interação do dia-a-dia. A página pessoal é um ‘palco’ auto-definido, no qual podemos decidir que aspectos do nosso *self* nós gostaríamos de apresentar. (...) Segundo, a página pessoal é emancipatória para a auto-apresentação já que permite ao indivíduo prover uma apresentação bem mais trabalhada e elaborada, com mais controle sobre o “gerenciamento da impressão”, comparado com a interação face a face.

De fato, os “veículos de signos” usados na auto-representação da homepage são mais sujeitos à manipulação (CHEUNG, 2007, p.275).⁹

Assim, os(as) blogueiros(as) podem rearranjar, reorganizar e manipular suas identidades virtuais até que elas reflitam as auto-identidades que eles(as) querem apresentar.

No blog Mamíferas, percebe-se a construção de narrativas a partir da experiência das blogueiras, em uma tentativa de ancorar uma identidade mamífera, marcada por práticas e discursos específicos a respeito da condição feminina e da maternidade.

Além da possibilidade de postagem de texto, foto, vídeo e hiperlinks por parte dos(as) autores(as), os blogs trazem também espaços para a discussão pública, através do livro de visitas e do para comentários, onde os visitantes/integrantes da comunidade podem expor opiniões, concordar ou discordar do(a) autor(a) do blog ou de outros(as) comentaristas, construindo sentidos à medida que tais interações acontecem de forma pública no ciberespaço.

A tematização da maternidade no contexto atual pode ser facilmente considerada *démodé*, relacionado a uma perspectiva tradicional da identidade feminina, circunscrita na tríade mãe/esposa/dona-de-casa. No entanto, o uso do ciberespaço como local de discussão parece atualizar tal perspectiva.

Na medida em que a maternidade, como tópico de conversa, parece ter perdido espaço no contexto social, a Internet parece surgir como local de encontro e tematização da maternidade, livre da conotação pejorativa, uma vez que se articula aos significados positivamente valorados da atualização tecnológica e participação na esfera pública (BRAGA, 2008, p.61)

Para Linda K. Kerber (1988), a metáfora da separação das esferas pública e privada tem sido utilizada para justificar e valorizar a presença feminina no domínio doméstico. Tal metáfora surge com a publicação de *Democracy in America*, em 1840, no qual Alexis de Tocqueville descreve a imagem física do círculo, que representa o espaço feminino circunscrito ao lar. A domesticidade viria acompanhada de pureza, doçura e submissão,

⁹ Tradução nossa. No original: “First, the personal homepage allows much more strategic self-representation than everyday interaction. The personal homepage is a self-defined ‘stage’, upon which we can decide what aspects of our selves we would like to present. (...) Second, the personal homepage is emancipatory for self-representation since it allows the individual to give a much more polished and elaborate presentation, with more control over ‘impression management’, compared with face-to-face interaction. Indeed, the ‘sign vehicles’ used in the homepage self-representation are more subject to manipulation”.

virtudes opostas às encontradas na esfera pública masculina. Barbara Welter (2008) ressalta que as mulheres das camadas médias, para quem esse discurso era dirigido, foram cooptadas pela imagem de serenidade e paz do lar.

Segundo Mary Kido Lopez (2009), o “fenômeno blogagem materna”¹⁰ deve ser analisado através da dicotomia público/privado, segundo a qual a maternidade é entendida como pertencente à esfera privada (feminina). Assim, os blogs de mães seriam formas de participação das mulheres, com conteúdos tradicionalmente domésticos, na esfera pública (masculina).

Lopez (2009) destaca ainda o potencial de construção de comunidades e de desafio às representações normativas da maternidade possibilitadas pelos blogs de mães. Conforme a autora, a prática de produção de blogs de mães pode ser entendida como um ato radical por estar ligado a uma história de luta das mulheres para definir sua identidade em relação ao título de mãe, tendo o potencial de mudar os discursos dominantes sobre maternidade. A visão idealizada da maternidade, que aparece como algo desejável para todas as mulheres, como um “caminho natural”, pode ser modificada pelos relatos de mulheres que vivem a maternidade na vida real.

A estudiosa acredita que as comunidades virtuais de mães vêm ganhando força precisamente devido ao seu espírito democrático: ao invés de aprender sobre maternagem com instituições ou experts, essas mães buscam conhecimento na experiência de outras mães. “É construção comunitária na tradição oral clássica, evocando uma época em que as mulheres compartilhavam histórias entre elas ao invés de depender de instituições ou experts homens para conselhos sobre a criação dos filhos¹¹” (LOPEZ, 2009, p.743) .

No blog Mamíferas, esse aspecto de compartilhamento de experiências é percebido de forma clara, através dos comentários de usuárias e também das falas das informantes, que se utilizam do blog para tirar dúvidas, expôr histórias pessoais e buscar apoio umas das outras.

Foi possível perceber, durante a pesquisa no blog Mamíferas, que o ciberespaço é parte importante na jornada da maternidade mamífera devido, principalmente, à possibilidade de compartilhamento de experiências e encontro de pessoas com afinidades e interesses comuns. O empoderamento considerado pelas mamíferas como tão necessário

¹⁰ Tradução nossa: “Mommy blogging phenomenon”.

¹¹ Tradução nossa. No original: “It is community-bulding in the classic oral tradition, harkening to a time when women shared stories between each other, instead of relying on institutions or male experts for advice on childrearing”

para se vivenciar um modelo de maternagem que foge dos padrões se dá, principalmente, pela via do conhecimento, da troca de experiências, do encontro com outras mulheres que pensam e tentam agir segundo os mesmos princípios. Assim, o ciberespaço se mostra como lugar para a construção desse empoderamento, embora não seja o único e nem substitua o encontro físico.

De acordo com a ótica mamífera, é a partir do resgate da sabedoria feminina que se dá o empoderamento da mulher. É preciso conhecer e confiar na sua capacidade de gestar, parir, amamentar. Esse empoderamento se dá através de informações, mas principalmente através do compartilhamento de experiências entre mulheres. É preciso sentir-se inserida, em contato constante com um grupo, trocando experiências para que esse conhecimento seja usado como forma de empoderamento. Dessa maneira, as redes sociais são relevantes para promover o compartilhamento de experiências e também para possibilitar os encontros presenciais.

Dessa perspectiva, o ciberespaço de maneira geral e o blog Mamíferas, especificamente, têm um papel importante na construção do empoderamento de mulheres/mães. A possibilidade de encontrar pessoas com interesses comuns, compartilhar experiências, tirar dúvidas, fomentar um senso de pertença é potencializada pela internet, ao permitir que as barreiras geográficas sejam eliminadas e que os encontros ocorram de acordo com afinidades.

5. Considerações finais

O entendimento do ciberespaço como *locus* de empoderamento se dá através do entendimento das mídias sociais como locais de encontro de pares, compartilhamento de experiências, produção de bens simbólicos e difusão de discursos que não conseguem espaço nas mídias tradicionais.

As redes sociais parecem ter um papel crucial no empoderamento, ao permitir o encontro de pares e a construção de discursos que destoam dos discursos hegemônicos da grande mídia. A partir de sites, comunidades e blogs, por exemplo, criam-se canais em que as pessoas podem expressar as opiniões e conectar-se a outras em uma relação em que todos os lados constroem juntos.

No caso do site Vila Favela, os moradores de comunidades e de favelas brasileiras compartilham experiências e sentimentos por meio das histórias, vídeos, áudios e imagens

que postam no website. Eles também se conectam via comentários, que, muitas vezes, revelam uma identificação com os assuntos discutidos, proporcionando a participação coletiva em prol de um mesmo objetivo, o papel ativo dos moradores de regiões marginalizadas dando-os o direito de atuarem como cidadãos. A partir daí, constata-se que os grupos ditos minoritários não precisam esperar mais que os meios de comunicação os descrevam, agora eles mesmos se descrevem.

Atuando desta maneira, é possível que os mesmos entendam a própria realidade e sejam capazes não apenas de quebrar estereótipos, mas também de construir novos conceitos dentro de um processo participativo.

As blogueiras e frequentadoras do blog Mamíferas, ao construírem discursos sobre um estilo de maternagem que foge do modelo hegemônico de maternidade contemporâneo, se utilizam do blog para divulgar práticas, compartilhar experiências e sentirem-se inseridas em um grupo que, do ponto de vista da maternagem, pode ser considerado marginalizado.

Referências bibliográficas

ARAÚJO, Cléber. Rocinha pacificada e fora da lei. Matéria disponibilizada no site Viva Favela no dia 8 de fevereiro, 2012.

BAKARDJIEVA, Maria. Virtual Togetherness: an everyday perspective. In: BELL, David; KENNEDY, Barbara. (eds.) **The cybercultures reader**. 2. ed. Londres: Routledge, 2007.

BELL, David. Webs as pegs. In: BELL, David; KENNEDY, Barbara. (eds.). **The cybercultures reader**. 2. ed. Londres: Routledge, 2007.

BRAGA, Adriana. **Personas materno-eletrônicas**: feminilidade e interação no Blog Mothern. Porto Alegre: Sulina, 2008.

CERRADO, Tâmara. Da favela para a favela. Matéria disponibilizada no site Viva Favela, no dia 16 de janeiro, 2012.

_____. A cidade chega na favela. Matéria disponibilizada no site Viva Favela no dia 26 de janeiro de 2012.

CHAGAS, Viktor. Entrevistas concedidas no período de maio a junho, 2012.

CHEUNG, Charles. Identity construction and self-representation on personal homepages: emancipatory potentials and reality constraints. In: BELL, David; KENNEDY, Barbara. (eds.). **The cybercultures reader**. 2. ed. Londres: Routledge, 2007.

FAIRCLOUGH, Norman. **Critical Discourse Analysis**. England, 1995.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1**: a vontade de saber. 19. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2009.

_____. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FREIRE, Paulo. **The Pedagogy of the Oppressed**. New York, USA: Library of Congress, 1970.

GIBSON, William. **Neuromancer**. São Paulo: Aleph, 2003.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

GILLMOR, Dan. **We the Media: Grassroots Journalism by the People, for the People**. New York: O'Reilly Media, 2006.

GRANJA, Patrick. Novas cenas e relatos do covarde ataque das tropas do Estado à favela do Pinheirinho, em São Paulo. Matéria disponibilizada no site Viva Favela no dia 1 de fevereiro, 2012.

GUIMARÃES JR, Mário. **O ciberespaço como cenário para as ciências sociais**. Trabalho apresentado no GT "A sociedade da informação e a transformação da sociologia", IX Congresso Brasileiro de Sociologia, Porto Alegre, set. 1999. Disponível em www.cfh.ufsc.br/~guima/papers/ciber_cenario.html. Acesso em: 12.09.09.

KERBER, Linda. **Separate spheres, female worlds, woman's place: the rhetoric of women's history**. *The Journal of American History*, v.75, n.1, jun.1988.

LATOURETTE, Bruno. **Technology is society made durable**. In: Law, J.(ed.). *A Sociology of Monsters*. London: Routledge, 1991.

LOPEZ, Lori Kido. **The radical act of 'mommy blogging': redefining motherhood through blogosphere**. *New media & society*. SAGE Publications. Los Angeles, London, New Delhi, Singapore and Washington DC, vol.11(4), p.729-747, 2009.

PEDRO, Joana Maria. **As mulheres e a separação das esferas**. Disponível em: http://www.dhi.uem.br/publicacoesdhi/dialogos/volume01/vol/04_mesa2.htm. Acesso em: 28. ago. 2011.

RECUERO, Raquel. **Comunidades virtuais: uma abordagem teórica**. Trabalho apresentado no V Seminário Internacional de Comunicação, 2002. Disponível em: <http://pontomidia.com.br/raquel/teorica.htm>. Acesso em: 02.10.09.

RHEINGOLD, Howard. **La comunidad virtual: una sociedad sin fronteras**. Barcelona: Gedisa Editorial, 1994.

SANTAELLA, Lucia. **Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura**. São Paulo: Paulus, 2003.

SCOTT, Joan. Experiencia. In: BUTLER, Judith; SCOTT, Joan (eds.). **Feminists theorize the Political**. New York: Routledge, 1992.

SEN, Amartya. **Development as Freedom**. New York: New York Times, 1995.

TEIXEIRA, Viviane Corrêa. A contribuição da internet para os movimentos sociais e redes de movimentos sociais e o caso do movimento internacional pela adoção ao software livre. Anais do II Seminário Nacional Movimentos Sociais, Participação e Democracia, 25 a 27 de abril de 2007, UFSC, Florianópolis, Brasil.

VENTURA, Zuenir. **A cidade partida**. Rio de Janeiro: Editora Schwarcz Ltda, 1997.